

A IMPORTÂNCIA DAS INCUBADORAS DE EMPRESAS PARA O DESENVOLVIMENTO DO EMPREENDEDORISMO NO BRASIL

Marco Aurélio Batista de Sousa¹

Professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Resumo

O presente trabalho faz uma abordagem teórica sobre a importância das incubadoras de empresas para o desenvolvimento do empreendedorismo no Brasil. Este tema começou a ser mais explorado no país em meados da década de 1990, em decorrência de vários acontecimentos internos e externos à economia brasileira que influenciou e introduziu novas formas de pensar a organização, além da importância e da representatividade que os empreendedores conquistaram no cenário nacional. Neste contexto, surgem as incubadoras de empresas, como um mecanismo de auxílio e promoção à concretização de novos empreendimentos, bem como no processo de formação dos aspectos, gerencial, operacional e pessoal do empreendedor. Por esta identificação é que se propôs destacar neste artigo a importância destas instituições – incubadoras de empresas, para a difusão do empreendedorismo no Brasil. Para tanto, apresenta os comentários iniciais que estabelece o cenário, e pontua alguns dos fatores importantes no que tange o empreendedorismo e as incubadoras de empresas. Posteriormente, versa sobre o empreendedorismo. Na sequência, este tema é novamente abordado, mas é restringido somente ao Brasil. Em seguida, têm-se as incubadoras de empresas. E, logo, após, destaca-se a importância das incubadoras de empresas para o desenvolvimento do empreendedorismo no contexto brasileiro. E por fim, evidenciam-se as considerações finais do artigo.

Palavras-chaves: empreendedorismo, empreendedor, incubadoras de empresas.

1 Introdução

O atual cenário econômico e a dinâmica do desenvolvimento mundial têm sido conduzidos pela geração, utilização e difusão de informações e conhecimentos. Esses parâmetros têm norteado os esforços das empresas, na busca por um melhor desempenho econômico, com a finalidade de se sustentarem no mercado e de prosperarem diante dos concorrentes (SOUSA; BEUREN, 2012).

O aumento da concorrência entre empresas, impulsionado e intensificado, entre outros fatores, pelo processo de globalização, sobretudo econômico, nas últimas décadas, tem estimulado e contribuído para o crescimento dos desafios nas empresas. Medeiros e Atas (1996) mencionam que crescer num mundo competitivo e globalizado é um desafio, principalmente para as pequenas empresas, em função de uma série de restrições que elas têm, como: financeiras, administrativas e operacionais. No entanto, apesar destas dificuldades, um número cada vez maior de pessoas e empresas tem buscado meios para transpô-las.

Com o a intenção de apoiar as empresas que tentam sobreviver neste mercado cada vez mais dinâmico e complexo, bem como favorecer a inserção de pessoas que estão dispostas a iniciar seu próprio negócio, diversos programas e mecanismos de auxílio às empresas e de promoção aos empreendimentos vêm sendo discutidos e delineados, cada qual com suas particularidades, funções e objetivos (SOUSA; BEUREN, 2012).

Dentre estes programas e mecanismos destacam-se as incubadoras de empresas, como um modelo organizacional, o qual surge como alternativas no processo de formação, desenvolvimento e consolidação de negócios. Cooper et al. (2012), relatam que as incubadoras de empresas são mecanismos de criação e desenvolvimento de micro e pequenas empresas por meio da formação técnica e gerencial do empreendedor, possibilitando o processo de inovação e contribuindo para o seu desenvolvimento.

Estas instituições buscam preparar as empresas para serem competitivas perante os anseios do mercado e a necessidade de inovações. As incubadoras de empresa segundo Medeiros e Medeiros (1996) representam uma das respostas ao cenário competitivo, considerando que são organismos que incorporam a incerteza e a complexidade do mercado por meio da cooperação, flexibilidade e criatividade.

Neste sentido, o artigo busca destacar a importância das incubadoras de empresa como uma alternativa para o desenvolvimento estruturado do empreendedorismo no Brasil, mediante a capacitação do empreendedor e de sua equipe, e da disponibilidade de recursos necessários à concretização de novos empreendimentos. Para este propósito, inicialmente comenta-se sobre incubadora de empresas. Na sequência, aborda o empreendedorismo. Posteriormente apresenta a importância da incubadora de empresa como uma alternativa para o desenvolvimento sustentável do empreendedorismo no Brasil.

A relevância deste estudo está no fato de evidenciar que a incubadora surge como um mecanismo de auxílio às empresas, sobretudo as que estão se formando. Essas incubadoras têm como papel principal gerir a empresa, contribuindo para o seu nascimento, seu desenvolvimento e expansão. Buscam preparar estas organizações com todos os recursos necessários para serem competitivas, principalmente mediante a formação técnica e gerencial do empreendedor e de sua equipe.

2 Empreendedorismo

A humanidade, desde sua origem sempre buscou meios para empreender. Santos (1995) destaca que todas as realizações humanas constroem-se pela ação empreendedora de pessoas que utilizam sua capacidade cognitiva para combinar recursos com a finalidade de produzir bens destinados à satisfação dos anseios tanto individuais como coletivos dos indivíduos.

Neste sentido, empreendedorismo, de acordo com Souza (2001, p. 31), pode ser entendido como “a busca de novas direções, novas conquistas”. Fato que está diretamente atrelado ao aparecimento e evolução da humanidade no sentido de inovar, identificar, criar oportunidade e desenvolver ideias.

Portanto, as pessoas independentemente do contexto histórico, na qual elas estão inseridas procuram fazer uso de seus conhecimentos, bem como dos recursos disponíveis para realizar alguma atividade que possa mudar ou mesmo contribuir em algo que de certa forma favoreça o seu progresso no decorrer de sua trajetória existencial.

Contudo, destaca que as ilimitadas necessidades impossibilitam os homens a viverem em completo isolamento, sendo este um dos fatores que impulsionou o surgimento das sociedades. Segundo Franco (1996, p.15), “isolado o homem, nada ou pouco, conseguiria realizar. Daí, sua reunião em sociedade, para alcançar mais facilmente seus objetivos”.

A reunião dos homens em sociedade proporciona à divisão do trabalho, a colaboração mútua, a especialização em determinadas atividades e a formação de patrimônios. Pode-se dizer, que da contingência da vida em sociedade surge o comércio e as empresas que nele atuam.

E uma das formas para que isto possa acontecer é através das organizações. Estas entidades configuram-se como um elemento importante para o desenvolvimento socioeconômico de uma sociedade, além de ser a forma mais eficaz para atender às aspirações humanas.

As transformações ocorridas a partir da Revolução Industrial no século XVIII impulsionaram o progresso e o desenvolvimento das nações. A expansão e o progresso do sistema de mercado passaram a ser o regulador de todas as estruturas organizacionais e o centro de todas as atividades desenvolvidas pelos homens (RAMOS, 1989).

Diante destes acontecimentos, e da importância que os fatores, sobretudo os socioeconômicos exercem na sociedade, têm conduzido vários estudiosos do tema empreendedorismo a relacioná-lo com assuntos que envolvem estes fatores, dentre eles Schumpeter (1982), que menciona que a essência do empreendedorismo está na percepção e aproveitamento de novas oportunidades no âmbito dos negócios.

O que pode vir a ocorrer quer seja: pelo melhoramento dos produtos já existentes, pela concepção de produtos complementares ao produto principal, pela simplificação de um produto ou serviço existente, por técnicas de capacitação de pessoal, por empreendimentos de novas tecnologias, por novas práticas e métodos de produção, entre várias outras.

Dornelas (2001, p. 20), ressalta que “a ênfase em empreendedorismo surge muito mais como consequência das mudanças tecnológicas e sua rapidez, e não é apenas um modismo. A competição na econômica também força nova empresária a adotar paradigmas diferentes”.

Além disto, como as relações de trabalho estão mudando, o que se observa é que o emprego cede lugar a novas formas de participação. A economia empreendedora mostra-se cada vez mais crescente com o surgimento de empresas criadas por desempregados, recém-formados, profissionais liberais, entre tantos outros que por diversos motivos, lançam a empreender um novo negócio (PINHO, 2002).

Genericamente, em relação aos possíveis benefícios que o empreendedorismo proporciona à sociedade, Stoner (1985, p. 166), destaca que pelos menos três podem ser facilmente identificados, são eles: “estimula o crescimento econômico, aumenta a produtividade e cria novas tecnologias, produtos e serviços”.

O estímulo ao crescimento econômico, entre outras questões refere-se principalmente ao aparecimento de novos postos de trabalho. O aumento da produtividade por sua vez, é identificado pela busca de melhorias significativas e constantes nas técnicas de produção. E no que concerne a criação de novas tecnologias, produtos e serviços, o empreendedorismo o faz mediante ao processo de inovação que conduz estas práticas.

E os promotores destes acontecimentos, são os chamados empreendedores, os agentes responsáveis pelo desencadeamento e condução dos processos de criação de unidades produtivas, sejam elas quais forem. Através de sua ação eles inovam e desenvolvem o universo empresarial, permitindo que o fluxo e o desenvolvimento da economia sejam catalisados.

Para Schumpeter (1982), empreendedor é alguém que faz novas combinações de elementos, introduzindo novos processos ou produtos, identificando novos mercados de exportação ou fontes de suprimentos, criando novos tipos de organizações. Sumariamente, Azevedo (1992, p. 17), salienta que o empreendedor é,

sobretudo, aquele indivíduo que tem necessidade e é capaz de realizar coisas novas. Contudo, mais que ser capaz de desenvolver novos projetos, o empreendedor é aquele que assume a responsabilidade de conduzir um negócio próprio, de tal forma que esse empreendimento funcione e alcance sucesso.

Como se observa a capacidade de inovar é inerente à figura do empreendedor, bem como a capacidade de buscar concretizar suas ideias em empreendimentos e direcioná-los a consolidação. Os fatores de sucesso ou mesmo de insucesso são plausíveis de ocorrerem em função de situações, tais como: mercado consumidor, ramo de atividades, entre outras. Questões internas e externas ao ambiente organizacional em função das particularidades de cada organização.

No Brasil, o empreendedorismo começou a se destacar, quando da intensificação do processo de globalização econômica, da abertura comercial e da redução das barreiras à entrada de bens oriundos de outros países. Dornelas (2001, p. 25) menciona que,

o movimento do empreendedorismo no Brasil começou a tomar forma na década de 90, quando entidades como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e a Sociedade Brasileira para Exportação de Software (SOFTEX) foram criadas. Antes disso praticamente não se falava em empreendedorismo.

Antes destes episódios, que vieram a contribuir para a proliferação, estudos e debates dos assuntos que permeiam o empreendedorismo, Dornelas (2001), destaca que o ambiente político e econômico no país não eram propícios, e o empreendedor praticamente não encontrava informações para auxiliá-lo em sua jornada empreendedora.

Não obstante, o crescente interesse pelo empreendedorismo se justifica pela relevância que as pequenas e micro empresas passaram a ter na economia do país (GIMENEZ; INÁCIO JÚNIOR; SUNZIN, 2001).

De acordo com o relatório executivo da *Global Entrepreneurship Monitor* - (GEM, 2002), que estuda a evolução e os assuntos referentes ao empreendedorismo em alguns países do mundo, entre eles o Brasil. Cita que o país é um dos mais empreendedores e que possui a melhor relação entre o número de habitantes adultos e daqueles que iniciaram um novo negócio.

Entretanto, de acordo com Maculan (2002, p. 5), “deixar o esforço empreendedor desenvolver-se a partir de uma dinâmica natural do mercado é claramente insuficiente para promover o empreendedorismo. É necessário criar um ambiente institucional e regulador que favoreça a elaboração de projetos empreendedores e a criação de pequenas empresas”. Ações que são realizadas por organizações como as incubadoras de empresas.

3 Incubadoras de Empresas

As primeiras incubadoras tiveram sua origem nos Estados Unidos em meados da década de 60. O sucesso destes empreendimentos estimulou a reprodução de ações semelhantes na em países da Europa Ocidental como Inglaterra, Espanha, Holanda, França, Alemanha, Bélgica, Itália, Finlândia, posteriormente para a Europa Oriental como Japão, China e Índia, e em seguida para outras diferentes localidades (LUNARDI, 1997).

Na América Latina, conforme Lunardi (1997), o Brasil foi o primeiro país a implantar uma incubadora de empresas, no ano de 1985 na cidade de São Carlos. Depois, esses empreendimentos se proliferaram para outros Municípios, como Campinas e São José dos Campos. Posteriormente, se estenderam para outras regiões, entre elas: Florianópolis (SC), Campina Grande (PB), Brasília (DF), Rio de Janeiro (RJ), Curitiba (PR) e Porto Alegre (RS).

As incubadoras de empresas foram criadas para auxiliar as empresas, principalmente aquelas que estão em formação. Buscam prepará-las, disponibilizando recursos necessários desde o início de suas atividades, a fim de se tornarem competitivas. Dentre os diversos tipos de incubadoras de empresas instaladas no país, destacam-se: as de base tecnológica, as de setores tradicionais, as de empresas mistas, as de cooperativas, as empresas culturais e as de agronegócios. Cada qual com seus objetivos e peculiaridades.

Medeiros e Atas (1995, p. 21) explicam que a incubadora de empresas compreende “um espaço físico – com infraestrutura técnica e operacional associada, especialmente configurado para transformar ideias em produtos ou serviços”. Elas tendem a estimular o surgimento e o desenvolvimento de empresas por meio da formação complementar do empreendedor nos aspectos técnicos e gerenciais.

Portanto, as incubadoras de empresas consubstanciam-se em um espaço destinado a acolher e amparar pequenos empreendimentos que possuem algum perfil emergente, transformando ideias em bens, processos e/ou serviços. Um local onde os pequenos empreendimentos nascentes ou já estruturados se instalam por um determinado período, recebendo condições ideais para sua consolidação. Monteiro Neto (2001, p. 124) cita que estas instituições se caracterizam por:

estabelecer uma cultura empreendedora; capacitar os empresários-empREENhedores; apoiar a geração de empregos e renda e projeto de revitalização de empresas; reduzir a taxa de mortalidade de novas micro e pequenas empresas; apoiar a introdução de novos produtos, processos e serviços no mercado; estimular a interação entre empresas e as instituições de ensino e pesquisa, consolidar micro e pequenas empresas que apresentem potencial de crescimento; apoiar a agregação de conhecimento e a incorporação de novas tecnologias nas micro e pequenas empresas.

Estabelecer uma cultura empreendedora entre pessoas, disponibilizar recursos necessários para o nascimento e o desenvolvimento de seus projetos são alguns dos aspectos que contribuem para que as incubadoras de empresas se fixem no país como uma importante fonte de apoio aos empreendedores e às empresas que buscam seu auxílio.

Vale destacar que o sucesso atribuído a estes empreendimentos segundo Cerqueira (1993), depende de sua interação com o meio, o que possibilitará a maximização e utilização de todos os recursos disponíveis na incubadora e o melhor aproveitamento de todos os fatores de produção.

A interação entre os diferentes agentes instalados em uma mesma localidade, como é o caso da maioria das incubadoras de empresas, propicia o estabelecimento de significativa parcela de atividades inovadoras que colaboram e estimulam as empresas incubadas no desenvolvimento e aprimoramento dos seus projetos.

Estas entidades, como outras, necessitam da integração de suas atividades para melhor auxiliar os empreendimentos em processo de incubação, como também todos aqueles que buscam na incubadora de empresas um ambiente favorável à formação, estruturação, desenvolvimento e maturação dos seus negócios.

De acordo com Medeiros e Medeiros (1993), tanto o ambiente como a própria incubadora de empresa são alguns dos subsistemas que formam o sistema maior que envolve todo o processo de incubação. Todos, com identidade própria, mas diretamente inter-relacionados, conforme apresenta a Figura 1.

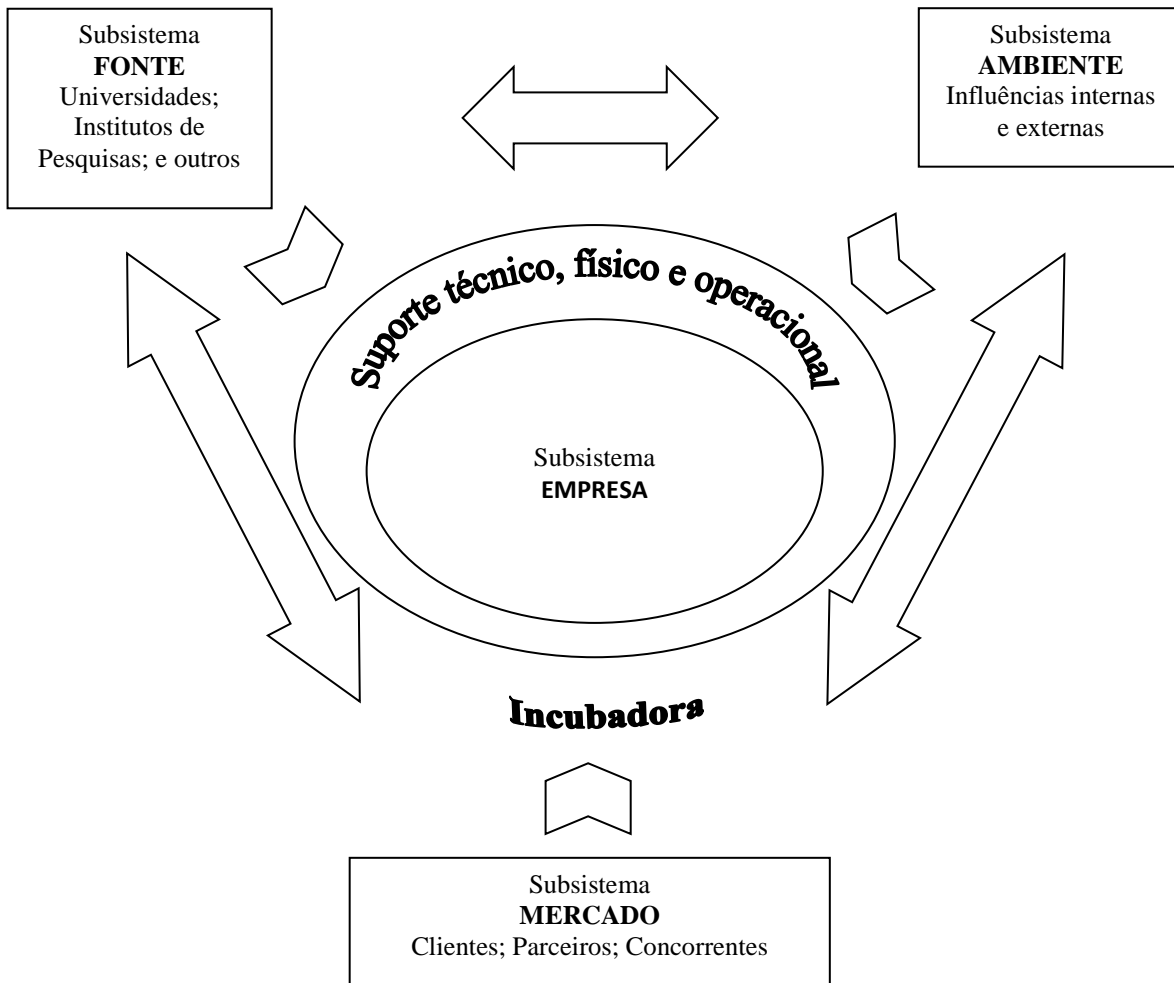


Figura 1: Sistema de incubação de empresas

Fonte: adaptado de Medeiros e Medeiros (1993, p. 35).

Estes subsistemas fazem parte de um modelo descrito como sendo paradigma empresarial proposto por Bolton (1990), um dos primeiros pesquisadores que verificou, por meio de seus estudos, que o processo de incubação compreendia um sistema composto por cinco subsistemas, sendo eles: empresa, incubadora, fonte, ambiente e mercado.

O subsistema identificado como sendo empresa, para Medeiros e Medeiros (1993, p. 33), “deve ser colocado no centro do processo de incubação e cabe ao empresário definir suas entradas e saídas”. A empresa processa os projetos em resultados aceitos pelo mercado e deve ser considerada o centro, por ser a razão da existência de todo o processo de incubação.

A incubadora, por sua vez, como outro subsistema deste processo, tem como função fornecer os subsídios necessários para estimular o crescimento e o desenvolvimento da empresa e contribuir para que ela possa se consolidar em seu segmento.

No que se refere ao subsistema fonte, Medeiros e Medeiros (1993, p. 34) mencionam que este subsistema “representa as instituições responsáveis pela geração da tecnologia que motivou o surgimento da empresa”. Inserem-se nesta conjuntura todas as instituições que, de alguma forma, auxiliam as empresas e os projetos em suas necessidades, sejam elas quais forem.

O subsistema ambiente representa as condições ambientais que afetam e influenciam a trajetória da empresa. Santos (1987, p. 47) relata que a criação de uma empresa “é um fenômeno que ocorre num

contexto ambiental”. Kwasnicka (1989, p. 128) cita que “o ambiente interno é apresentado pelo organismo funcional da empresa, e o externo pelos elementos vinculados a ela, porém capazes de alterar seu equilíbrio conquistado”. Como os aspectos culturais, aspectos econômicos e os aspectos da legislação.

A sinopse de todo o esforço da empresa na busca pela sua sobrevivência no ambiente competitivo é o subsistema mercado. De acordo com Medeiros e Medeiros (1993, p. 36), este subsistema pode ser constituído por “clientes, concorrentes e parceiros”. Elementos que representam a razão da existência da empresa.

Os subsistemas apresentados representam os principais elementos que se integram no processo de incubação de uma empresa. Mesmo com identidade própria, esses elementos carecem uns dos outros para a sua sobrevivência. Vale ressaltar que o desenvolvimento da empresa neste ambiente é a motivação maior deste sistema. Todavia, a sua existência é resultado do esforço conjunto de todos os envolvidos neste processo, sendo a incubadora a responsável pela união desses esforços.

3.1 A Importância das Incubadoras de Empresas para o Desenvolvimento do Empreendedorismo no Contexto Brasileiro

As dificuldades e os riscos de implantação de empreendimentos têm, cada vez mais, inibido o surgimento de novas empresas. Os elevados gastos referentes à implantação desses empreendimentos e a necessidade, quase que constante, de investimentos concorrem para este fato. Além disso, o processo de conquista de credibilidade no mercado é lento, bem como a inexperiência na fase inicial das atividades, cujos desafios se caracterizam por dificuldades gerenciais iniciais que podem levar boas ideias ao insucesso.

No Brasil, estes fatores se agravaram em função das diversas mudanças que afetaram a economia no início dos anos 90. Entre eles cita-se o aumento da concorrência entre empresas, impulsionado pela abertura generalizada da economia ao exterior, entre outros, que contribuíram para o aumento das dificuldades, elevando os riscos de implantação de novos negócios e inibindo o advento de novas empresas.

Segundo Dornelas (2001), a decisão de tornar-se empreendedor ocorre devido a fatores externos, ambientais e sociais; a aptidões pessoais; ou a um somatório de todos esses fatores. Explica que todos são críticos para o surgimento e o crescimento de uma nova empresa. O processo inicia-se quando um evento gerador desses fatores possibilita o início de um novo negócio.

O incentivo e o estímulo à geração de negócios, por parte da incubadora, servem como fonte de apoio aos empreendimentos, é na incubadora que o empreendedor irá encontrar infraestrutura e suporte necessários à concretização de seu projeto.

Desta forma, Medeiros e Atas (1996) descrevem que as incubadoras facilitam o surgimento de empresas, seu crescimento e sua consolidação. Furtado (1998) também comenta que estes empreendimentos ajudam na sobrevivência e no estabelecimento de novos negócios, o que tem levado ao aumento no número de incubadoras no país.

Expansão que segundo Souza (2002, p. 59), procedeu-se “na segunda metade dos anos 90. Entre 1997 e 2000, o total de projetos implantados saltou de 60 para 135”. Sendo que as regiões do país com maior concentração desses projetos são o Sul e o Sudeste.

A propagação das incubadoras de empresas em todo o país está diretamente relacionada com a expansão do movimento do empreendedorismo e dos mecanismos de apoio e promoção a estes novos empreendedores, que cada vez mais tem sido intensificada pelos governos e órgãos de apoio.

Dornelas (2002, p. 123) menciona que “o movimento de empreendedorismo brasileiro precisa se basear em alicerces sólidos nos quais as melhores práticas empreendedoras sejam utilizadas. As incubadoras têm todos os pré-requisitos para se constituírem em tais alicerces”.

As incubadoras de empresas, independentemente dos empreendimentos que abrigam, tendem cada vez, buscar meios de fortalecer e consolidar empresas de pequena dimensão, preparando-as para o mercado.

Neste sentido, conforme Porton (2004), o processo que envolver a incubação de empresas é um mecanismo de fundamental importância na sustentabilidade, sobretudo nos primeiros estágios de existência do negócio, momento considerado como sendo de fragilidade e vulnerabilidade, em função de vários fatores internos e externos que diretamente ou indiretamente influencia e influenciará o empreendimento.

Na concepção de Smilor (1987, p. 146 *apud* FURTADO, 1995, p. 25), a incubadora “procura unir efetivamente talentos, tecnologia, capital e conhecimento para alavancar o talento empreendedor, acelerar a comercialização de tecnologia e encorajar o desenvolvimento de novas empresas”.

Com base nesses aspectos, cabe à incubadora articular-se para elaborar e criar uma rede de apoio ao negócio do empreendedor. Através de um arranjo institucional, com entidades públicas e privadas, procura promover a sustentação e ajuda ao sucesso de novos empreendimentos. Além disso, favorece a ampliação da rede de relacionamentos do empreendedor, o que colabora a continuidade do empreendimento no longo prazo.

Portanto, ressalta que as incubadoras contribuem na formação da capacidade gerencial dos empresários e na incorporação de tecnologia aos produtos e processos produtivos da empresa, estimulando o empreendedorismo e divulgando a possibilidade de se iniciar um negócio próprio, com chances reais de êxito. Daí a importância de estimular ações que gerem ambientes de inovação e empreendedores, como ocorrem em alguns modelos organizacionais como as incubadoras de empresas.

4 Considerações finais

As incubadoras de empresas representam alguns dos diferentes modelos organizacionais existentes. Elas se configuram em mecanismos de apoio, auxílio e promoção às entidades empresariais, oferecendo vantagens e facilidades para a consolidação e difusão dos negócios dentro e fora de suas estruturas.

Em razão de vários acontecimentos internos e externos ao país, as incubadoras de empresas, têm se tornado de fundamental importância para a difusão do empreendedorismo, bem como na qualificação dos empreendedores. Desta forma, como já destacado estas entidades, se destinam a abrigar empreendedores, fornecendo-lhes estruturas físicas, material, além de outros recursos, apoiadas por entidades públicas e privadas, com o intuito de contribuir para a criação de um ambiente propício para o desenvolvimento de projetos específicos e para a criação de empresas.

A importância deste modelo organizacional, não se resume somente ao aspecto de capacitação e promoção do empreendedorismo, mas também como entidade promotora da inovação, introdução de novas tecnologias, apoio na geração de novos postos de trabalho entre outros benefícios que direta ou indiretamente podem originar de toda a estrutura que permeia esta instituição.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, J. H. **Como iniciar uma empresa de sucesso**. Rio de Janeiro: Qualitynark, 1992.

BOLTON, W. **New mechanisms to link university – enterprise: the incubator as a technological development factor**. Cambridge, UK: Wolfson College, 1990.

CERQUEIRA, N. Incubação de empresas e desenvolvimento. **TECBAHIA: Revista Baiana de Tecnologia**: Camaçari, v. 1, n. 1, p. 22-29, maio./ago. 1993.

COOPER, C. E; HAMEL, S. A; CONNAUGHTON, S. L. Motivations and obstacles to networking in a university business incubator. **The Journal of technology transfer**, v. 37, n.4, p. 433-453. 2012.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo**: transformando ideias em negócios. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

DORNELAS, J. C. A. **Planejando incubadoras de empresas**: como desenvolver um plano de negócios para incubadoras. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

FRANCO, H. **Contabilidade geral**. São Paulo: Atlas, 1996.

FURTADO; M. A. T. **Fugindo do quintal**: Empreendedores e incubadora de empresas de base tecnológica no Brasil. Brasília: SEBRAE, 1998.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR – GEM. **Empreendedorismo no Brasil**: relatório global 2002. Disponível em: <<http://www.gemconsortium.org>>. Acesso em: 30 de nov. 2004.

KWASNICKA, E. L. **Teoria geral da administração**: uma síntese. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

LUNARDI, M. E. **Parques tecnológicos**: estratégias de localização em Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba. Curitiba: editora do autor, 1997.

MACULAN, A. M. **Proposição de políticas para a promoção de sistemas produtivos locais de micro, pequenas e médias empresas**: ambiente empreendedor e aprendizado das pequenas empresas de base tecnológica. Rio de Janeiro, UFRJ. Set. 2002. Disponível em: < <http://www.ie.ufrj.br/redesist>>. Acesso em: 28 jun.2003.

MEDEIROS, J. A.; MEDEIROS, L. A. **Incubadoras Tecnológicas**: guia do empreendedor. São Paulo. SEBRAE-SP, 1993.

MEDEIROS, J. A.; ATAS, L.. **Condomínio e incubadoras de empresas**: manual do empresário. Porto Alegre: SEBRAE/RS, 1996.

MEDEIROS, J. A.; ATAS, L. Incubadora de empresas: balanços da experiência brasileira. **Revista de Administração**. São Paulo. v. 30, n. 1, p. 19-31. jan./mar.1995.

MONTEIRO NETO, M. O cide em sua experiência emergente. In: LEAL, Sayonara; PIRES, S. O. (Orgs.). **As incubadoras de empresas pelos seus gerentes**: uma coletânea de artigos 2 v. Brasília: ANPROTEC, 2001, p. 111-130.

PINHO, R. A. **O empreendedorismo no processo de criação de empresa de base tecnológica em incubadora**: o caso do centro de incubação e desenvolvimento empresarial em Manaus/AM. 2002. 147 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Curso de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

PORTON, R. A. B. **Características empreendedoras do criador de empresa de base tecnológica em incubadora**. 2004. 160 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Curso de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

RAMOS, A. G. **A nova ciência das organizações**: uma reconceituação da riqueza das nações. 2 ed. Rio de Janeiro: editora da Fundação Getúlio Vargas, 1989.

SANTOS, S. A. **Criação de empresas de alta tecnologia, capital de riscos e os bancos de desenvolvimento**. São Paulo: Pioneira, 1987.

SANTOS, S. A. A ação empreendedora em uma economia globalizada e competitiva. In: PEREIRA H. J.; SANTOS, S. A. (Orgs). **Criando seu próprio negócio**: como desenvolver o potencial empreendedor. Brasília: SEBRAE, 1995, p. 13-28.

SCHUMPETER, J. **A teoria do desenvolvimento econômico**: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juros e o ciclo econômico. São Paulo. Abril Cultural, 1982.

SOUSA, M. A. B. BEUREN; I. M Expectativas percebidas pelos empreendedores no processo de incubação. **Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**. Recife. Vol. 10, No. 1 p. 001 - 027, jan./abr. 2012.

SOUZA, E. C. L. de. A disseminação da cultura empreendedora e a mudança na relação universidade-empresa. In: SOUZA, E. C L. (Org). **Empreendedorismo**: competência essencial para pequenas e médias empresas. Brasília: ANPROTEC, 2001, p. 28-41.

SOUZA, L. E. Em berço esplêndido. **Revista Pequenas Empresas Grandes Negócios**. São Paulo, v. 14, n. 155, p. 56-65, nov, 2002.

STONER, J. A, F. **Administração**. 2. ed. Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil, 1985.